

A crise de trabalho é uma resultante da incúria dos dominantes e só pode ser debelada pelo operariado que a sofre

Não exageramos ao afirmar que o operariado atravessa um dos períodos mais graves da sua vida, período de miséria com uma negra expectativa de agravamento. As indústrias, mercê da má tática dos seus detentores, definharam-se dia a dia reduzindo as suas labutações. A falta de tino orientador, a imprevisão do que poderá suceder, um tanto de ganância cega e uma dose de má fé, estão lançando para uma situação cada vez mais crítica uma parte importante da população laboriosa. Indústrias há, das quais muitos operários não conseguem há muitos meses auferir proveitos que lhes permitam manter as provisões. A miséria vai avassalando e o número dos desocupados aumenta. E por cada grupo de operários lançados no "chômage" maiores dificuldades surgem para os que ainda laboram, visto que os desocupados mal consomem o indispensável, deixando de adquirir o que é produção industrial de necessidade menos imediata. Não se passa sem pão, mas não se renova o vestuário, não se adquire o conforto nos lares, nem se pode deixar de viver promiscuamente amontoados em acaanhadas habitações. A crise assim se intensifica, sem que os detentores das indústrias ou dos governantes, alguém a estude e busque debelá-la.

Para onde vamos? A que excessos nos levará o engrossar dos sem trabalho?

O que será o inverno inclemente que se aproxima? Eis o que passa despercebido neste país, onde os problemas máximos são ninharias sem importância. Em todos os países, nas grandes nações — dirão os economistas portugueses — também é grande o exército dos desempregados, e nós não podemos fugir a esse fenômeno. E como tudo o que é fenomenal para tal gente está bem, fenomenalmente a população de Portugal, pela incúria dos detentores das riquezas e das indústrias, e um pouco pela sua indolência, é

conduzida a uma situação das mais infimas.

Na Inglaterra e em outros grandes países existem recursos pecuniários para atender aqueles a quem as crises mais ferem; subsistem-se os sem trabalho.

Aqui, onde tudo se imita, desde os gestos das figuras marcantes na política extrangeira até aos capacetes da polícia, aqui, sobreleva-se o que de mau lá por fora existe. E porque haja falta de recursos pecuniários que se abandonam à sua sorte os desocupados? Mas, nem a índole do nosso operariado receberia bem a esmola do Estado, nem este pode ou se dispõe a tirar dos cofres públicos algo que não seja para manter os seus émulos e sustentar os seus guardiões.

Portugal, pequeno país, tem uma crise básica de todas as crises — a crise de falta de caráter dos que o dominam. Recursos e dos melhores tem ele; recursos inexgotáveis e inaproveitados, recursos naturais cujo aproveitamento colide com os interesses das camarilhas.

Enquanto que o povo não tem pão suficiente em qualidade e quantidade, não tem água, nem casas para habitar, não tem transportes nem vestuário acessível, enfim tudo lhe falta, os problemas: cerealífero, das águas dos transportes, etc., dormem o sono dos justos como se tudo caminhasse no melhor dos mundos.

Nos ministérios, nas repartições do Estado trata-se exclusivamente da política partidista e dos interesses das clientelas capitalistas a quem não repugna, cômodamente, importar lucrativamente o que devia ser aqui manufacturado. A crise é bagatela; os desocupados são canhão a sufocar violentamente quando exteriorizem na rua os seus sofrimentos.

A crise só pode ter um solucionador — operariado. Nos sindicatos ele deve estudar-lhe os factores e as características e impor a sua solução. Como? Indo até onde as circunstâncias o exigam.

ESTA NOITE . . .

O CONFLITO entre a Federação Marítima e a C. G. I.

A Associação dos Maquinistas Fluviais mantém a sua adesão à central dos sindicatos :: :

A Associação dos Maquinistas Fluviais reuniu em assembleia geral, na passada segunda-feira, a fim de apreciar o conflito existente entre a Federação Marítima e a C. G. T. Não tendo comparecido o delegado da F. Marítima, foi dada a palavra ao delegado da C. G. T., que numa clara exposição, explicou a atitude dos dirigentes daquele organismo federativo. Em seguida falaram vários sócios que exprimiram a atitude dos representantes dirigentes, os quais, abusando das atribuições que lhes foram conferidas, cortaram relações com a C. G. T., sem que para tal fossem consultados os organismos que compõem aquela Federação. Por último, foi aprovada uma proposta assim concebida:

"Proponho que a Associação dos Maquinistas Fluviais continue mantendo o seu delegado junto da Federação, mas que esse o envio de cotisação enquanto se não resolver o conflito entre a C. G. T. e a Federação Marítima, passando a requisitar o do expediente à C. G. T."

PERSEGUÍÇÕES

Os ferroviários do Sul e Sueste manifestam-se contra as deportações

Nas importantes reuniões do pessoal ferroviário do Sul e Sueste, que se têm realizado ao longo da linha, tem sido apreciada a injustificada manutenção das iniquas deportações, das quais já resultou a morte de três trabalhadores, tendo sido aprovada uma moção pela qual se resolve:

"Protestar contra esse acto dum agravio extrema e que vai de encontro às afirmações feitas através de dezenas de anos pelos homens que ocupam as cadeiras do poder, demonstração eloquente da sua incompetência e falta de razão."

Fazer salientar o facto do desaparecimento de três operários para se avaliar melhor da enormidade de tal violência;

Enviar ao presidente do ministério um telegrama reclamando o imediato regresso dos alvejados, reparando-se assim, se bem que em parte, tal prepotência."

O pobre dia que, durante esta vertiginosa e calafriante noite, durante esta vertigem moralmente esbofeteado... enquanto o polícia ficava bamboleando-se, anchos da sua faginha, e os três estúrdios ficavam rindo-se alvarmente, num rictus avinhado...

S. A.

Um soldado do exército rifenho faz à BATALHA revelações sensacionais acerca da guerra de Marrocos, Abd-el-Krim, a táctica dos mouros, a cultura das terras e os hospitais

Ontem à tarde, à hora do calor intenso, quando a redacção mergulhava num pesado silêncio, a porta abriu-se de突bo — e uma cabeça tisnada, uns olhos pretos, vivos, e um cabelo negro desalinhado, assumiram.

— Dá licença?

— Entre.

Era José Ricardo da Silva que nos procurava. Entrou. Trazia um velho fardamento de kaki amarelo desbotado e botas cobertas de poeira.

Estávamos na presença dum soldado.

Venho do Riff, estive combatendo durante 15 meses ao lado de Abd-el-Krim. Estas palavras causaram sensação. Entrelóhamos.

José Ricardo da Silva tinha todo o ar de quem dera a novidade mais banal deste mundo.

— * * *

Chegámos-lhe uma cadeira. Sentou-se pesadamente, recostou o corpo baixo, nervoso, elegante e energico.

— Andei durante oito noites seguidas. De dia não se podia caminhar... era perigoso.

Sorriu-se. Oferecemos-lhe tabaco.

Entre batidas azuis:

— Quando cheguei ao Algarve senti-me arrepiado de ter abandonado os mouros, tive saudades. Já estava habituado aquela vida.

— Conheceu Abd-el-Krim?

— Como os meus dedos. Excelente homem! Afável, energico, inteligente. Falava português como qualquer de nós. Entende-se com todos os estrangeiros. É uma grande cabeca...

— Estão muitos estrangeiros combatendo ao lado do chefe rifeno?

— Muitos! Muitos oficiais alemães: capitães, coronéis e até generais; muitos franceses, espanhóis, italianos, eu sei lá...

— E portugueses?

— Muitos soldados, quatro cabos e o alferes Martins.

— * * *

— Como foi parar ao campo rifeno?

— Principiando por combater no terço estrangeiro a favor da Espanha. Eu lhe conto: eu estava no país vizinho. Um dia parei nos cartazes convidando todos a incorporar-se ao exército espanhol. Ofereciam mordos e fundos: cinco pesetas diárias, seis pratos, andanças completas de fatos e ao fim de quatro anos de peleja o regresso à península e uma gratificação de 2.000 euros. Fui.

— E deu-se bem?

— Os grandes olhos negros de José Ricardo da Silva disseram-nos tudo pela sua expressão.

— * * *

— Têm muitas baixas, os rifeiros?

— Poucas, muito poucas mesmo.

— E os hospitais?

— São ligeiros barracões, mas o tratamento é admirável. Existe grande abundância de leite, de criação e as mouras educadas que nos servem de enfermeiras são dum carinho e duma dedicação inexpressíveis.

— Qual a sua impressão sobre o desfecho da contenda?

— O triunfo absoluto do Riff e a sua independência assegurada. Deve vir a ser, depois da paz, um grande e rico país.

— Os espanhóis não se aguentam. Cada vez há mais munições e armas defensivas.

O Riff ainda não se empregou a fundo. Abd-el-Krim está a brincar. Agora é que ele se vai dirigir às numerosas "cabidas" do interior, às reservas, que até hoje ainda não viram uma arma. Depois, depois... ai dos espanhóis, ai dos franceses!...

— Não, Abd-el-Krim não lhes tem ligado grande importância por enquanto. São os povos mais rudes do Riff, comandados pelo general do Abd-el-Krim, que nem artaria possuem por enquanto, que estão batendo os franceses. A França está muito iludida com Marrocos. Abd-el-Krim está tranquilo.

— E deu-se bem?

— Os grandes olhos negros de José Ricardo da Silva disseram-nos tudo pela sua expressão.

— * * *

— Parece que os franceses têm incomodado agora os rifeiros — dissemos.

O nosso entrevistado sorriu da nossa indignação.

— Não, Abd-el-Krim não lhes tem ligado grande importância por enquanto. São os povos mais rudes do Riff, comandados pelo general do Abd-el-Krim, que nem artaria possuem por enquanto, que estão batendo os franceses. A França está muito iludida com Marrocos. Abd-el-Krim está tranquilo.

— E deu-se bem?

— Os grandes olhos negros de José Ricardo da Silva disseram-nos tudo pela sua expressão.

— * * *

— Têm muitas baixas, os rifeiros?

— Poucas, muito poucas mesmo.

— E os hospitais?

— São ligeiros barracões, mas o tratamento é admirável. Existe grande abundância de leite, de criação e as mouras educadas que nos servem de enfermeiras são dum carinho e duma dedicação inexpressíveis.

— Qual a sua impressão sobre o desfecho da contenda?

— O triunfo absoluto do Riff e a sua independência assegurada. Deve vir a ser,

depois da paz, um grande e rico país.

— Os espanhóis não se aguentam. Cada vez há mais munições e armas defensivas.

O Riff ainda não se empregou a fundo. Abd-el-Krim está a brincar. Agora é que ele se vai dirigir às numerosas "cabidas" do interior, às reservas, que até hoje ainda não viram uma arma. Depois, depois... ai dos espanhóis, ai dos franceses!...

— Não, Abd-el-Krim não lhes tem ligado grande importância por enquanto. São os povos mais rudes do Riff, comandados pelo general do Abd-el-Krim, que nem artaria possuem por enquanto, que estão batendo os franceses. A França está muito iludida com Marrocos. Abd-el-Krim está tranquilo.

— E deu-se bem?

— Os grandes olhos negros de José Ricardo da Silva disseram-nos tudo pela sua expressão.

— * * *

— Parece que os franceses têm incomodado agora os rifeiros — dissemos.

O nosso entrevistado sorriu da nossa indignação.

— Não, Abd-el-Krim não lhes tem ligado grande importância por enquanto. São os povos mais rudes do Riff, comandados pelo general do Abd-el-Krim, que nem artaria possuem por enquanto, que estão batendo os franceses. A França está muito iludida com Marrocos. Abd-el-Krim está tranquilo.

— E deu-se bem?

— Os grandes olhos negros de José Ricardo da Silva disseram-nos tudo pela sua expressão.

— * * *

— Parece que os franceses têm incomodado agora os rifeiros — dissemos.

O nosso entrevistado sorriu da nossa indignação.

— Não, Abd-el-Krim não lhes tem ligado grande importância por enquanto. São os povos mais rudes do Riff, comandados pelo general do Abd-el-Krim, que nem artaria possuem por enquanto, que estão batendo os franceses. A França está muito iludida com Marrocos. Abd-el-Krim está tranquilo.

— E deu-se bem?

— Os grandes olhos negros de José Ricardo da Silva disseram-nos tudo pela sua expressão.

— * * *

— Parece que os franceses têm incomodado agora os rifeiros — dissemos.

O nosso entrevistado sorriu da nossa indignação.

— Não, Abd-el-Krim não lhes tem ligado grande importância por enquanto. São os povos mais rudes do Riff, comandados pelo general do Abd-el-Krim, que nem artaria possuem por enquanto, que estão batendo os franceses. A França está muito iludida com Marrocos. Abd-el-Krim está tranquilo.

— E deu-se bem?

— Os grandes olhos negros de José Ricardo da Silva disseram-nos tudo pela sua expressão.

— * * *

— Parece que os franceses têm incomodado agora os rifeiros — dissemos.

O nosso entrevistado sorriu da nossa indignação.

— Não, Abd-el-Krim não lhes tem ligado grande importância por enquanto. São os povos mais rudes do Riff, comandados pelo general do Abd-el-Krim, que nem artaria possuem por enquanto, que estão batendo os franceses. A França está muito iludida com Marrocos. Abd-el-Krim está tranquilo.

— E deu-se bem?

— Os grandes olhos negros de José Ricardo da Silva disseram-nos tudo pela sua expressão.

— * * *

— Parece que os franceses têm incomodado agora os rifeiros — dissemos.

O nosso entrevistado sorriu da nossa indignação.

— Não, Abd-el-Krim não lhes tem ligado grande importância por enquanto. São os povos mais rudes do Riff, comandados pelo general do Abd-el-Krim, que nem artaria possuem por enquanto, que estão batendo os franceses. A França está muito iludida com Marrocos. Abd-el-Krim está tranquilo.

— E deu-se bem?

O TRABALHO NAS CADEIAS

Na Penitenciária de Coimbra exerce-se sobre os reclusos uma exploração vergonhosa

Dum recluso da Penitenciária de Coimbra recebemos a seguinte carta que não podemos deixar de publicar, pelo que ela encerra de infamante para a organização vergonhosa das cadeias portuguesas:

COIMBRA (Penitenciária), 3.—Sr. redactor.—Publicou *A Batalha*, num dos números do mês p. p., sob a epígrafe «Na Penitenciária», uma carta de um recluso da Penitenciária de Lisboa, em que o signatário denunciava a infame exploração de que são vítimas, por parte dos arrematantes, os presos que trabalham nas oficinas de cesteiros daquela cadeia.

Ora, como aqui nesta masmorra a remuneração que os presos auferem, desempenhando o mesmo mister, ainda está muito aquém do apontado na referida carta, para o demonstrar exuberantemente vou passar a transcrever, na íntegra, uma «famosa» tabela de preços e condições de trabalho, actualmente em execução na «roça» de cesteiros desta Penitenciária.

Cestos-tecedreira—N.º 0, \$12 cada; 1, \$12; 2, \$12; 3, \$15; 4, \$20; 5, \$25, 6, \$30; 7, \$35; 8, \$40; 9, \$45; 10, \$55.

Fundos e tampas—N.º 0, 1, 2, 3, duzia \$20; n.º 4, cada \$20; 5, \$20; 6, \$30; 7, \$35; 8, \$40; 9, \$50; 10, \$60.

Para terem direito, porém, a estas gratificações, têm que produzir as seguintes quantidades diárias:

Cestos—N.º 0 a 3, 5; 4 a 6, 4; 7 a 10, 3.

Fundos e tampas—N.º 0 a 3, 20 tampas ou fundos; 4 a 6, 15; 7 a 10, 12.

Pelo que fica exposto se vê claramente que, mesmo os mais práticos e mais resistentes a semelhante esforço, não há nenhum recluso que consiga auferir—trabalhando esforçadamente durante oito horas—a média sequer de \$300 diários, ainda que tuberculizado—se em poucos meses!

Exemplificemos: 5 cestos n.º 10 por dia (o que já é uma bonita soma de trabalho, e as profissionais que o digam) a \$55 cada, 8 a \$40, 12 a \$35, 15 a \$30, 18 a \$25, 20 a \$20, 25 a \$15, 30 a \$10, 35 a \$8.

Calcularmos agora, ainda que resumidamente, os lucros quais fantásticos deste «roceiro» sem escrúpulos. Assim, pois, temos: 1 cesto n.º 8 leva quilo e meio de vime a \$300—\$450. Salário e gratificação \$98. Tinta e verniz \$30. Total, 5578. São vendidos a 13550 e 14800! Simplesmente, como vê, um autêntico roubo!

Mas há mais—mais infame: existe nesta oficina uma máquina de «descascar» o vime, que devendo ser acionada a fórmula motriz o é pelos braços dos reclusos, porque sempre é mais barato... Já se foram enterrar dois infelizes por este aparelho de suplicio arruinados, e outro se encontra, presentemente, deixando sangue pela boca depois de ter estado neste «serviço». E que saber qual é a gratificação que por «generosidade» lhes concede?—15 a 18 escudos mensais!!! E' o cálculo da roubalheira!

Agora estas miseráveis e ridículas gratificações, que a título de estimular os presos ao trabalho—antes os estimulando, mercê da fraca alimentação e más condições higiénicas, a um gradual depauperamento e lento suicídio—lhes são concedidas, os reclusos têm direito, por contrato de arrematação, aos seguintes ordenados:

Hor. Daquela vez, no Catapereiro...
—O que é que quere dizer?
—Que você bebeu muito mais do que comeu...

—Man! Isso descamba para o insulto, quando o comégo da palestra tinha outro im...

—Oh! sim; o processo... eu não queria saber disso.

—Pois faz muito mal; com um juiz como nós temos em Benavente...

—Nunca fuiando...

E lá vieram os dois a caminho da vila, a pensar a maneira mais prática de fazer terminar a campanha, instaurando-nos um processo...

E porquê? Pelas calúnias que temos trazido às colunas de *A Batalha*? Se alguma existe, contraditem-na. Apresentem documentos ou provas em contrário. Mas, coitados, podem minar-se de raiva, podem espujar, pernear, soprar, esgatar-se, que o único argumento que contra nós encontram é o dinheiro! Sim; o dinheiro, o seu único deus, o seu único rei, o seu único senhor, a sua única força!

Tudo para elas reside no dinheiro!

Serra FRAZÃO

P. S.—Para os menos versados na língua de Angola, dir-lhe-hemos que Kimbanda quer dizer—médico.
NGanga quer dizer—padre.

NA ERICEIRA

Um gesto indecoroso

Sob este título publicámos, em 21 do mês transacto, uma correspondência da Ericeira, em que se acusava o sr. José Nordeste, gerente da fábrica de conservas «La Bretagne, Limitada», de se portar com pouca correção para com o pessoal feminino e de tentado, por meios violentos, abusar da operária Maria da Conceição.

Fomos procurados pelo delegado do sindicato dos operários da indústria de conservas da localidade dentro da referida fábrica, que nos disse ser destinado de fundamento tudo quanto nessa correspondência se diz, o que pode comprovar com testemunhas, entre elas o irmão da aludida operária.

E' lamentável que não haja o devido escripto no fornecimento de informações dessa natureza, o que não deixa bem colocados o jornal e as pessoas que informam.

“Educação Social”

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redacção e administração—Empresa Literária Fluminense, Limitada—R. dos Reatores, 125—LISBOA.

Todos os direitos reservados a possuir este livro.

A educação moral da criança na família

Por Benoit Bouché—Tradução de Emílio Costa.—Livro premiado em concurso na Bélgica, pela sua «Instituição social». Um verdadeiro Manual de Educação, que todos os pais, tutores, professores e instrutores devem possuir para saberem educar as crianças.—Preço \$500, pelo cor. \$550.

A vendê-lo nos livrarias, juntadas à Biblioteca Renascença, de J. Cardoso, r. Poças de S. Bento, 27-29—lisboa.

UM ESCANDALO?

Em volta do concurso de cantaria para o Palácio do Congresso

A Comissão Administrativa do Palácio do Congresso da República

Ex-mos Srs.:

Não sei se será do conhecimento de VV. ex.º o caso que se deu com o concurso de cantarias a que vimos fazendo referência nas colunas do jornal *A Batalha* e de que um jornal de Sintra, órgão das comissões políticas do P. R. daquela localidade, também se fez eco, transcrevendo um dos artigos publicados naquele diário acompanhando comentários que, a serem verdadeiros como supomos, muito mal colocaram ex.º VV. ex.º se não providenciarem, como é de justiça, anulando o tão decantado concurso e procurando que talas casas se não repitam para honra e dignidade da ex.º comissão que nesses assuntos superintende.

Vamos contar os casos tal se passaram e VV. ex.º ajuzarão da justiça que nos assiste ao levantar a ponta do véu em que o caso anda envolvido.

Em 16 de julho p. p. e com data de 8 do mesmo mês, receberam 3 oficinas de cantaria—os das srs. José Miguel Correia, António Moreira Rato, Filho, e a Cooperativa dos Carreiros—um ofício da secretaria do Congresso da República convocando-as mesmas a apresentar preços para o fornecimento de cantaria manipulada para a fachada sudoeste do palácio e cujas propostas deveriam ser entregues até ao dia 18, às 17 horas.

Sucedeu que um dos concorrentes, o sr. José Miguel Correia, só compareceu aproximadamente às 17,30 horas, e que de certo serio motivo para ser excluído do concurso não tivesse lámpada acesa em Meca.

Acconte, porém, e disse julgo que VV. ex.º são conhecedores, que o concurso não foi aberto nesse dia por qualquer circunstância que não procuramos saber, só mais tarde se procedendo à abertura das propostas, ou *proposta*, sem que os concorrentes fossem conhecedores, pois de tal não foram avisados, como mandava a proposta de VV. ex.º mas por culpa de alguém que tinha interesse em que o facto não fosse conhecido.

Muitos julgam-se não alcoólicos alegando que só bebem vinho, cerveja ou outra qualquer líquido alcoólico em pequenas porções e diferentes horas do dia. São essas pequenas porções da bebida alcoólica, principalmente quando ingeridas fora das refeições, que, todavia elas juntas, constituem, no fim do dia, uma porção importante, originária, com a continuação desse vício, o pequeno alcoolismo crônico, cujos principais sintomas são: perturbação no estômago, obesidade, cíclicas do figado ou dos rins, hemorrágia cerebral, loucura, etc.

A vida sedentária predispõe às lesões do alcoolismo crônico.

Muitos julgam-se não alcoólicos alegando que só bebem vinho, cerveja ou outra qualquer líquido alcoólico em pequenas porções e diferentes horas do dia. São essas pequenas porções da bebida alcoólica, principalmente quando ingeridas fora das refeições, que, todavia elas juntas, constituem, no fim do dia, uma porção importante, originária, com a continuação desse vício, o pequeno alcoolismo crônico, cujos principais sintomas são: perturbação no estômago, obesidade, cíclicas do figado ou dos rins, hemorrágia cerebral, loucura, etc.

Além disso, é de se fazer uma obra recta, contando desde já com a dedicação do pessoal.

Em nome do pessoal da secretaria falou o funcionário superior Fernando Deshorto,

que numa forma concreta e breve deu as bases vindas ao novo administrador, acrescentando que poderia contar com a dedicação do pessoal da secretaria, para dentro das normas da justiça elevar este establecimento do Estado à altura de cumprir a sua missão e voltar a ser aquilo que era em tempos Artur Cardoso falou em nome do pessoal perário, e numa forma sintética, expôs qual o pensamento dos operários da Casa da Moeda, em relação aos objectivos do novo director, acrescentando que poderia contar com a dedicação do todo o pessoal para a obra que pretendia realizar desde que sempre o norteasse as normas de justiça.

Desde o aprendiz do operário mais graduado da casa—diz—todos se têm esforçado por intensificar o mais que podem a produção e honrar o bom nome dos operários desta casa, mas se isso não tem dado aqueles resultados que o Estado desejará, é devido a circunstâncias anormais que quer abster-se de relatar.

Bom é que em face dos casos de verdadeiro aviltamento a que temos várias vezes aludido e aos quais os operários desta casa têm estado sujeitos, alguém procure atacar o mal que cremos não partiu dos operários conscientes deste estabelecimento fabril.

Caminhando para o humanitarismo

O alcoolismo motivo de esterilidade ou de afrodisíaco na reprodução da raça

São os alcoólicos os que mais sofrem quando apanham sífilis, pois que esta última doença encontra o mal meio feito e leva menos tempo a matar. A sífilis produz, na língua dos alcoólicos umas feridas muito especiais e que dificilmente cicatriza com tratamento apropriado; quando se curam deixam umas manchas esbranquiçadas, onde é frequente ver aparecerem mais tarde cancroscas incuráveis.

O alcoolismo complica e agrava todas as doenças; é uma das causas mais freqüentes e um dos companheiros mais favoritos da infaustas tuberculose.

Só o ponto de vista moral, o alcoolismo deformá, degradá e embrutece; sob o ponto de vista da espécie, abastarda e esteriliza-a. Ataca todas as classes sociais, apossando-se pouco a pouco da sua vítima, acabando por aniquilá-la. Já Gladstone dizia que o alcool fazia mais vítimas do que os que tem direito—250.

Parce que qualquer poder oculto se opõe a que os mesmos levem por diante a missão de que vêm investidos ao tomar posse, e daí o constatar-se a freqüente succção de administradores.

Anteontem na presença do pessoal desta casa, tomou posse o capitão de engenharia Pereira Dias, que em breves palavras demonstrou ao pessoal qual a missão de que vinha incumbido, dizendo que não o animava quaisquer paixões políticas, mas simplesmente procuraria fazer justiça, transfigurando com tudo aquilo que fosse justo e razoável.

Espera que qualquer poder oculto se opõe a que os mesmos levem por diante a missão de que vêm investidos ao tomar posse, e daí o constatar-se a freqüente succção de administradores.

Está constituindo um grandioso acontecimento teatral as representações da peça «O Conde de Monte Cristo», efectuadas no Apolo. O sensacional drama transplantado para o tablado apresenta um aspecto absolutamente diferente do que se aprecia no romance e no «film», e, por isso, não deve deixar de ir vê-lo, para o confronto, quem gosta de peças de verdadeira sensação.

Com «O Conde de Monte Cristo» o Apolo está tendo enorme concorrência que vai até ao extremo de esgotar a lotação do teatro, e por isso, a empresa vende, sempre, os bilhetes, mesmo durante o dia, sem qualquer aumento nos preços.

E' amanhã finalmente, que o elegante

Eden-Theatre reabre as suas portas para inaugurar os seus espetáculos por sessões com a primeira representação da nova revista em 2 actos e 12 quadros, «Frei Tomás» ou «O Mistério da Rua Saravá de Carvalho», original de Eduardo Fernandes (Esculpiao) e Carlos Ferreira, posto em cena artística pelo director d'este teatro Henrique Santana, com scenários dos nossos primeiros artistas da especialidade e guarda roupa novo, primorosamente executado pelo «costumier» Castelo Branco, maquinaria do mestre Henrique Martins, efeitos de luz de Florentino Martins e música dos maestros Alves Coelho e Raúl Ferrão.

Pela Casa da Moeda

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Notícias

Estreia-se hoje, no teatro Pinheiro Chagas, das Caldas da Rainha, a companhia Lucília Simões-Erício Braga, que dará ali 5 espetáculos com as peças «O Ladrão», «O Sinal de Alarme», «Madame Piñet», «O Leque», «O Ninho de Aguia», tomando parte no desempenho de um papeis de destaque, a ilustra actriz Lucília Simões.

Vão ser de verdadeiro entusiasmo as duas sessões de segunda-feira no Teatro Maria Vitória, e com as quais o distinto actor Alfredo Rua realiza a sua festa artística.

Inadiávelmente é no próximo dia 1 de Outubro que o Chiado Terrasse depois de grandes melhoramentos reabre as suas portas ao público. Os novos dirigentes organizam um belo e magnífico programa de «films» em séries e de arte, uma bela orquestra composta de exímios professores, e uma magnífica projeção para a qual adquiriram os mais recentes aparelhos.

Réclames

Está constituindo um grandioso acontecimento teatral as representações da peça «O Conde de Monte Cristo», efectuadas no Apolo. O sensacional drama transplantado para o tablado apresenta um aspecto absolutamente diferente do que se aprecia no romance e no «film», e, por isso, não deve deixar de ir vê-lo, para o confronto, quem gosta de peças de verdadeira sensação.

Com «O Conde de Monte Cristo» o Apolo está tendo enorme concorrência que vai até ao extremo de esgotar a lotação do teatro, e por isso, a empresa vende, sempre, os bilhetes, mesmo durante o dia, sem qualquer aumento nos preços.

E' amanhã finalmente, que o elegante

Eden-Theatre reabre as suas portas para inaugurar os seus espetáculos por sessões com a primeira representação da nova revista em 2 actos e 12 quadros, «Frei Tomás» ou «O Mistério da Rua Saravá de Carvalho», original de Eduardo Fernandes (Esculpiao) e Carlos Ferreira, posto em cena artística pelo director d'este teatro Henrique Santana, com scenários dos nossos primeiros artistas da especialidade e guarda roupa novo, primorosamente executado pelo «costumier» Castelo Branco, maquinaria do mestre Henrique Martins, efeitos de luz de Florentino Martins e música dos maestros Alves Coelho e Raúl Ferrão.

Pró-aparelho de T. S. F.

A favor da aquisição do aparelho receptor de telefonia sem fios, a instalar na C. Combri, 38-A, 2., para deleite dos operários, com os concertos emitidos por vários postos em cidades estrangeiras, foi tirada na Central Tejo uma subscrição da qual seguem os nomes dos subscriptores:

Alfredo Maria Evaristo, 1500; Joaquim Francisco Pereira, 1500; Adelino Monteiro, 1550; Rogério Rodrigues, 1550; Carlos Silva, 1550; João P. Rodrigues, 2550; Joaquim Martins, 550; José Assumpção Raposo, 1500; Adelcio Rodrigues, 1500; António Galinandro, 1500; José Luís Lamas, 2550; Carlos Chaves, 1500; Manuel José, 1500; Otávio Oliveira, 1500; Álvaro Leitão, 1500; Lucas Santos, 1500; Alfredo Pires, 1500; Átilio Simões, 1500; Alfredo Mendes, 1500; António José, 1550. Soma 2550.

LA NOVELA IDEAL

MARCO POSTAL

Olhão.—Correspondente.—O Sindicato dos Manipuladores de Pão é na travessa do Oleiro, 13, 1.º

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE SETEMBRO

S.	4	11	18	25	HOJE O SOL
S.	11	19	26	Aparece às 6,11	
D.	18	27	20	Desaparece às 20,56	
S.	7	14	21	28	
T.	14	21	28	FASES DA LUA	
L.C.	15	22	29	dia 4 11,50	
Q.M.	16	23	30	11,50	
L.N.	17	24	—	12,15	
Q.C.	18	25	—	4,45	

MARES DE HOJE

Praiamar às 7,14 e às 7,38
Baixamar às 0,22 e às 0,44

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	96\$00	96\$25
Madrid cheque	2\$84	
Paris, cheque...	\$93	
Suíça, "	3\$84	
Bruzelas cheque	\$89	
New-York, "	19\$85	
Amsterdão, "	8\$02	
Itália, cheque...	2\$65	
Brasil, "	8\$0	
Praga, "	\$59	
Suecia, cheque	5\$34	
Austria, cheque	2\$82	
Berlim, "	4\$74	

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Domingo—A's 21,30—O Leão da Estrela.
Apolo—A's 21,30—O Conde de Monte Cristo.
Sexta—As 20,30 e 20,30—Frei Tomás ou o Mistério da sua Sarava de Carvalhos.
Maria Vitoria—A's 20,30 e 22,30—Rataplano.
Casino de Sintra—A's 21,30—Concerto pelo teatro Lapeirinha.
Juventude—A's 21,30—Irmãos e A Cidade.
Il Vittore (A Graciosa)—A's 20—Animatrófico.
Praia Parque—Irmãos das noites—Concertos e ilustrações.

CINEMAS

Olimpia—Chiado Terreiro—Salão Central—Cinema Condé—Salão Ideal—Salão Lisboa—Sociedade Promotora de Educação Popular—Cine Paris—Cine Estrela—Chantreler—Avril—Torio.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Maria Auer, assim como rodas de cascas, tubos, molas, chaminés de ferro, peças, lampões. Vendem-se no Largo Conde Barão, n.º 55 e quiosque. Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata. É a casa que fornece em melhores condições.

CONSELHO TÉCNICO

DA

CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os gêneros, jazigos em todos os gêneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e marmores de todas as provéniências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:

Calçada do Combro, 88-A, 2.º

Companhia Nacional de Navegação

Para Póvoa (Douro e Leixões) sairá no dia 15 do corrente, o vapor "Ibo", recebendo carga. Traça-se na sede da Companhia, rua do Comércio, 85.

CONCURSO

Na Junta de Freguesia de Almargem do Bispo, (concelho de Sintra) está aberto concurso para admissão de professoras plomadas ou inscrita para a escola mista da quinta do Rebolo desta freguesia.

O concurso termina em 20 de Setembro corrente, estando patentes as condições em casa do presidente da Junta a quem devem ser endereçadas as propostas.

9-9-1925

Joana tinha ouvido Sybila com a mais profunda atenção, impressionada sobre o dêsse facto singular: um camponês casar com a filha dum rei. Desde então Joana julgava-se desculpada aos seus próprios olhos de pensar tantas vezes, desde a véspera, no seu jovem senhor, tão belo, tão corajoso, e tão infeliz por culpa de sua, má mãe e pela crueldade dos ingleses. Por isso, depois de um momento de silêncio, a pastorinha disse a Sybila:

—Oh! madrinha, que bela legenda!... Achá-la-há ainda mais bela se o rei de Leão tendo de combater um inimigo, tão cruel como são os ingleses, Alano o camponês tivesse salvado o seu rei antes de casar com a filha dele...

—E não se sabe que foi feito de Merlin?

—Não; asseguram que ele deve dormir mais de mil anos. Porém, antes de adormecer, ele predisse que o mal que uma mulher fizesse à Gália, seria reparado por uma rapariga... uma rapariga deste país...

—Deste país, madrinha?

—Sim, da Lorena; e que nascerá perto dum grande bosque de carvalhos (1).

Joana, com as mãos juntas, tomada de espanto, olhava para Sybila em silêncio, e pensava, que segundo a profecia de Merlin, a França seria salva por uma rapariga da Inglaterra, talvez mesmo de Domrémy? Essa libertadora, não devia ela sair do antigo bosque de carvalhos? A aldeia de Domrémy não era vizinha de uma floresta de carvalhos secundários?

—O quê? Madrinha, repetiu a pastorinha, será verdade... Merlin predisse isto?

—Sim, respondeu Sybila; sim, há mais de mil anos que esta profecia foi feita por Merlin.

—E em que termos, madrinha... Sabei-las?

—Sim.

FATOS COMPLETOS E SOBRETUDOS

em boas fazendas de lá com bons forros desde 159\$00

IMPREMIQUIS INGLESES com tinto e rapuz, desde 169\$00

CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00

CALÇAS desde 40\$00

ABATIMENTOS PARA REVENDA

O CHAVES DO CONDE BARÃO

170, Rua da Boavista, 172

A BATALHA

Estatutos da Confederação Geral do Trabalho (para serem discutidos no próximo Congresso Confederal)

CAPÍTULO I Dos objectivos

Artigo 1º A Confederação Geral do Trabalho constitui-se com os seguintes objectivos:

1º O agrupamento sob a base federativa autónoma, de todos os trabalhadores assalariados do país, para a defesa dos seus interesses económicos, sociais e profissionais, pela elevação constante da sua condição moral, material e física;

2º Desenvolver, fora de tóda a escola política ou doutrina religiosa, a capacidade do operário organizado para a luta pelo desaparecimento do salário e do patrônato, e posse de todos os meios de produção;

3º Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para a ajuda mútua, numa comum inteligência, que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva exploradora do capitalismo.

CAPÍTULO II Da constituição

Art. 2º A Confederação Geral do Trabalho é constituída:

a) Pelas Federações de Indústria;

b) Pelos sindicatos nacionais e regionais de indústria;

c) Pelas Uniões Locais de Sindicatos vários;

d) Pelos Sindicatos cujas indústrias não possuem ainda Federações nacionais e que estejam isolados em localidades onde não haja União Local;

e) Pelos Sindicatos que possuindo, embora, Federação, não seja esta aderente à Confederação, ou que pela sua estrutura especial não possam ingressar nas Uniões Locais.

1º Fora do disposto das alíneas d) e e) do artigo 2º os sindicatos só podem fazer parte da Confederação por intermédio das respectivas Federações de Indústria e Uniões Locais, ondem devem estar simultaneamente

§ 2º Exceptuam-se da disposição d) e e)

A CRISE NA CONSTRUÇÃO CIVIL

Alfredo Lopes diz à BATALHA como podia ser debelada a crise naquela importante indústria

No modesto gabinete do Sindicato da Construção Civil, o seu secretário geral e nosso camarada Alfredo Lopes dava despatcho a vários expedientes, quando ontem ali fomos em busca de impressões sobre a crise de trabalho. O vigoroso militante da construção civil falou-nos largamente da miséria que actualmente atravessam as famílias dos 1.000 desempregados, crise pavilhosa causada pela ganância de alguns proprietários e pela negligência das autoridades competentes.

As suas declarações vão ser o mais fielmente expostas, de forma ao leitor se apreender da gravidade do caso.

— Existem em Lisboa, diz-nos o nosso entrevistado, 179 prédios em construção. Por razões várias as referidas obras encontram-se paralisadas e, por consequência, sem trabalho os operários que deviam ser ali empregados.

— Com essas obras em laboração a crise seria debelada?

— Posso afirmar-te, sem receio de desmentido, que se os 179 prédios prosseguissem na sua laboração, a crise desapareceria em Lisboa e arredores como que por encanto.

— E como se pode conseguir esse desideratum?

— Duma forma muito simples. Os proprietários seriam obrigados a concluir as suas obras. Em caso de recusa, o governo ou a Câmara contraia um empréstimo para o seu acabamento, que seria por concurso público. Depois das obras concluídas, seriam alugadas aquelas propriedades, por conta da entidade que procedesse à sua conclusão, até reaver as imponibilidades despendidas e o juro do capital. Fim desse prazo seriam as propriedades devolvidas aos seus antigos proprietários.

— No caso do governo e da Câmara não se preocuparem com o assunto?

— Deve ser facilitado aos fornecedores de materiais, credores desses prédios, procederem à sua conclusão, como já foi ressalvado num comício realizado em 1924. Concluídos os prédios proceder-se-ia do mesmo modo que já indiquei no caso de ser a Câmara ou o governo que procedesse à esse trabalho. E julgo que não se cometaria nenhum atropelo fazendo-se esta concessão, uma vez que era verídico terminar com uma situação que bastante miséria provoca.

— A laboração desses 179 prédios seria o suficiente para debelar a crise?

— Como disse a crise seria debelada com essa medida. Mas se a Câmara se dispusesse a defender os interesses dos municípios, tóda a população operária muito teria a lucrado...

— Como assim?

— Não é novidade que a população de Lisboa se compõe, em verdadeiros tugúrios, numa promiscuidade revoltante, por falta de habitação. Se a Câmara e as entidades a quem estão confiados os vários serviços de saúde intercessaram junto do governo para que se operasse imediatamente a conclusão do Bairro Social do Arco do Cego e do Bairro Económico da Ajuda, essa gente que vive para aí como sardinha em canasta, poderia provisoriamente viver ali, enquanto nesses prédios, por imposição da Câmara, os respectivos proprietários mandariam proceder às necessárias limpezas.

— Esta medida, não só traria as conveniências apontadas como ainda contribuiria para que os moradores dessas cisternas não se intoxicassem.

— O nosso interlocutor, para que nós podemos compreender melhor as suas intenções, acrescenta:

— Calcula que posta em prática esta solução os prédios dos bairros imundos como Alfama, Mouraria, Casal Ventoso, Sete Moinhos, Cascalheira e Santana, te-

Em Oeiras

Um industrial que não conhece leis

Em Oeiras existe uma fábrica de malhas e tinturaria de José Joaquim Nogueira, onde as leis do horário de trabalho e de protecção a menores parecem não serem conhecidas.

Ali os operários sujeitam-se a um horário de 10 horas e são explorados grande número de menores de ambos os sexos, de idade inferior à que a lei estabelece para a entrada nas fábricas.

Há dias o menor Octávio Ribeiro, insuguoso contra o facto de por um salário inferior ao obrigar a trabalhar 10 horas, vendo-lhe a sua reclamação o ser despedido. Chamado a intervir no caso o delegado do governo naquela localidade, o mesmo garantiu que iria proceder contra o abuso do industrial; mas são decorridos quase três meses e não se tem feito sentir nenhuma intervenção directa do referido delegado, nem da polícia, que afirma não conhecer disposição legal que obrigue o dono da fábrica a respeitar as 8 horas de trabalho, continuando aquele roceiro a afirmar, todo cheio de importância, que na sua casa quem das leis é ele.

E lamentável que a acompanhar o gesto deste menor se não tenham insurgido também os operários adultos, fazendo por sua vez valer aquela velha aspiração do operário.

— Calculara que posta em prática esta solução os prédios dos bairros imundos como Alfama, Mouraria, Casal Ventoso, Sete Moinhos, Cascalheira e Santana, te-

Ler o Suplemento de A BATALHA

5º Vigiar atentamente a marcha da legislação operária com o fim de assinalar-lhe as vantagens ou inconvenientes, para as organizações confederadas;

6º Ocupar-se de tudo que respeita à administração sindical e à educação moral dos operários;

7º Promover a adesão à respectiva Federação de Indústria dos Sindicatos que às Unidades Locais adiram.

8º Único. Para desenvolver a organização na província, poderá esta secção promover conferências anuais dos secretários gerais das Federações de Sindicatos, assistidos da Confederação a fim de concertarem no melhor meio de estender a propaganda às localidades circunvizinhas das sedes daquelas Unidades, utilizando-se dos militantes mais experimentados e conhecedores para aquele efeito.

Art. 8º São atribuições da segunda:

1º Manter as relações entre as Federações de Indústria, os Sindicatos Nacionais Regionais e os isolados, para coordenar a acção destes organismos e tomar as medidas para sustentar a ação no terreno da luta económica em especial, e, dum modo geral, em conformidade com o disposto no capítulo I deste estatuto;

2º Criar provocar a organização das Federações de Indústria;

3º Promover a adesão à respectiva União Local, dos Sindicatos que às Federações de Indústria adiram;

4º Organizar estatísticas de produção e inventariar tóda a maquinaria e ferramentas em tódas as indústrias e saber da capacidade das secções;

5º Promover relações das Federações com as suas congêneres doutros países e auxiliar a constituição das internacionais de indústria;

6º Promover conferências anuais dos secretários das Federações e de Sindicatos Nacionais, Regionais e isolados.

Art. 8º Cada uma das secções reunirá separada e ordinariamente uma vez por mês e extraordinariamente sempre que o recomendará;

Art. 9º Cada secção terá dois secretários, um efectivo e outro adjunto, sendo aquele nomeado pelo congresso e este pela secção respetiva.

Art. 10º Para simplificação e distribuição de trabalhos, poderá cada secção nomear sub-comissões especiais.

8º Único. A Comissão de assistência Jurídica e Solidariedade que será composta por delegados das duas secções, tem fun-

ções autónomas, fixadas no seu regulamento privativo, e funcionará junto da secção das Unidades Locais.

CAPÍTULO IV Do Conselho Confederal

Art. 11º O Conselho Confederal é formado pela reunião dos delegados das duas secções, sendo suas atribuições:

a) Executar as decisões dos Congressos Nacionais;

b) Intervir em todos os acontecimentos da classe operária e pronunciar-se sobre todos os pontos de ordem geral;

c) Decidir sobre as propostas, observações ou modificações que lhe sejam apresentadas pelos órgãos confederados e organismos confederados no superior interesse do proletariado organizado.

d) Fazer-se representar junto de quaisquer agrupamentos confederados aos quais haja de prestar o seu auxílio;

e) Enviar delegados aos organismos federados, quando assim o requerem ou haja de tal necessidade.

§ 1º Os membros do Secretariado Confederal são simultaneamente:

(O secretário administrativo) secretário Confederal; (o secretário de relações internas) secretário efectivo da Secção de Unidades;

(o secretário de relações externas) secretário efectivo da Secção de Federações. Cumpre-lhes fazer tóda a correspondência de cada um dos órgãos referidos e assistirem às suas reuniões.

§ 2º O Secretariado Confederal tem a seu cargo a administração económica da Confederação após o Congresso e enquanto o Conselho Confederal não proceder à nomeação da comissão administrativa.

Art. 1º O Secretariado servirá de Congresso a Congresso, mas o Conselho Confederal tem prorrogativa para substituir qualquer dos seus membros ou a sua totalidade em caso de absoluta necessidade.

§ 1º Os membros do Secretariado Confederal.

§ 2º Único. Todas as resoluções são válidas quer quer seja o número dos delegados presentes.

Art. 14º Quando o Conselho Confederal tenha dúvidas sobre qualquer questão que lhe for apresentada para resolver, submetrá-la à mesma ao estudo dos organismos aderentes, comunicando êstes, por escrito, o resultado do seu estudo, salvo se preferirem que a mesma seja tratada no Conselho.

Art. 15º Os trabalhos do Conselho Confederal são dirigidos por uma mesa composta de um presidente, nomeado em cada sessão, e dois secretários, sendo estes efectivos.

CAPÍTULO V Do Comité Confederal

Art. 16º O Comité Confederal constitui-se pela reunião conjunta da comissão administrativa da Confederação, dos secretários das duas secções (Secção de Unidades e Secção de Federações), do secretário da Comissão de Assistência Jurídica e Solidariedade e do director de A Batalha.

Ordinariamente reúne duas vezes por mês e são suas atribuições:

1º Verificar a execução das resoluções das secções, as questões que lhe sejam presentes e para as quais considere dispensável ouvir o Conselho;

2º Atender às necessidades da representação da C. G. T. e da propaganda no país, sempre que o Conselho não se possa pronunciar nesse sentido com a antecedência indispensável.

CAPÍTULO VI Do Secretariado Confederal

Art. 17º A Confederação terá um secretariado nomeado em Congresso e composto por três membros: secretário administrativo, secretário de relações internas e secretário efectivo da comissão administrativa;

§ 3º Qualquer das secções, ou o Conselho Confederal, quando reconheçam em algum dos seus delegados falta de assiduidade, incompetência, incompatibilidade moral ou tendências para o desvio dos objectivos da organização, demitir-l-o há e partipar o organismo que ele representa o motivo da sua demissão.

Art. 18º O Conselho Confederal terá as suas reuniões ordinárias todos os meses e extraordinariamente, sempre que seja conveniente e na ausência de solução do Conselho ou Comité Confederal.

§ 1º Os membros do Secretariado Confederal são simultaneamente:

(O secretário administrativo) secretário Confederal; (o secretário de relações internas) secretário efectivo da Secção de Unidades;

(o secretário de relações externas) secretário efectivo da Secção de Federações. Cumpre-lhes fazer tóda a correspondência às suas reuniões.

§ 2º O Secretariado Confederal tem a seu cargo a administração económica da Confederação após o Congresso e enquanto o Conselho Confederal não proceder à nomeação da comissão administrativa.

Art. 1º O Secretariado servirá de Congresso a Congresso, mas o Conselho Confederal tem prorrogativa para substituir qualquer dos seus membros ou a sua totalidade em caso de absoluta necessidade.

CAPÍTULO VII Da comissão administrativa

Art. 19º—A administração económica da Confederação está a cargo dum comissão administrativa, composta de cinco membros: um secretário efectivo, um secretário tesoureiro, dois secretários adjuntos e um secretário arquivista; o primeiro é nomeado a um congresso e os restantes pelo Conselho Confederal, e incumbem-lhes:

O secretário efectivo fazer tóda a correspondência que respeita à comissão e assinar os documentos de caixa; ao secretário tesoureiro arrecadar as receitas da Confederação, conferir a caixa mensalmente pôr o visto nos livros respectivos e presar contas de tóda a gerência; aos secretários adjuntos fazer as actas da comissão e substituir provisoriamente o secretário efectivo ou o secretário tesoureiro; ao secretário arquivista ter sob a sua guarda o arquivo e biblioteca confederal.

§ 1º—A comissão apresentará trimestralmente ao Conselho Confederal um balanço geral do movimento económico da Confederação, claramente escrutado e porá à disposição dos delegados do conselho, para consulta, os livros da escrita ou documentos, quando devidamente autorizado pelo Conselho Confederal.

§ 2º—A escrita económica da Confederação deverá ser feita por pessoal tecnicamente habilitado sob o controlo do secretário tesoureiro.

Continua

Ferroviários do Sul e Sueste

A reunião de Lagos

Com a comparação de todo o pessoal dos serviços do movimento e via, efectuada no passado dia 3, em Lagos, a anunciada sessão de propaganda económica levada a efeito pelo sindicato do pessoal do Sul e Sueste.

Na presença dos delegados do respectivo organismo, comissão de melhoramentos, Federação Ferroviária e Confederação Geral do Trabalho, deu-se inicio àquela, tendo falado respectivamente, Alfredo Carvalho, Alfredo Pinto, Mario Castelhano e Manuel Joaquim de Sousa.

A questão da situação económica que a classe atravessa foi largamente debatida, tendo os presentes tomado conhecimento das reclamações formuladas e já entregues às entidades competentes.

Tratou-se dos vários assuntos que interessam à vida social contemporânea, apresentando-se a união de toda a classe para o conseguimento das reclamações em trânsito.

A reunião de Funcheira

Das reuniões efectuadas na linha, foi a última, entre elas, de darem a adesão à U. S. O. e C. G. T. o que foi aprovado por unanimidade.

Foram nomeados delegados à U. S. O. Joaquim Fernandes Colreia, Manuel dos Reis Junior e Gonçalo Afonso Garganta. A sessão decorreu sempre com calma e elevação, fazendo-se representar a União pelo seu secretário geral.

Reorganizou-se o Sindicato dos Empregados no Comércio de Faro res